Ana Rita de Calazans Perine

Ilustrações de Ana Rocha

Entre mundos, sonhos e verdades

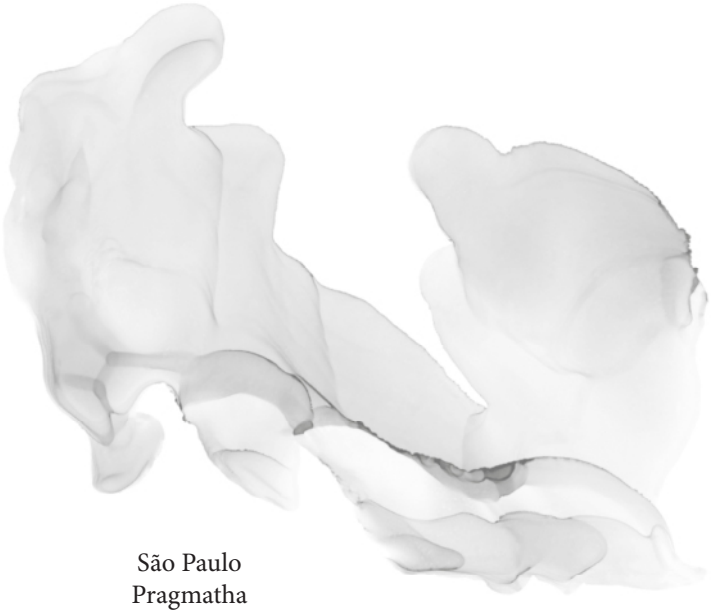
O inédito que faz o cotidiano especial
e revela a magia do real

pragmatha

Ana Rita de Calazans Perine
Ilustrações de Ana Rocha

Entre mundos, sonhos e verdades

O inédito que faz o cotidiano especial
e revela a magia do real



São Paulo
Pragmatha
2023

Pragmatha Editora
www. pragmatha. com. br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade Visual: Pragmatha
Ilustrações: Ana Rocha
Copyright: Da Autora

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação
P445e Perine, Ana Rita Calazans.
Entre mundos, sonhos e verdades: o inédito que faz o cotidiano especial e revela a magia do real / Ana Rita Calazans Perine ; ilustrações de Ana Rocha. -- São Paulo: Pragmatha, 2023.
20 p. : il. color. ; 14 x 21 cm.
ISBN 978-85-8434-164-1
1.Literatura infantojuvenil brasileira. 2.Ficção infantojuvenil. 3.Irmãos e irmãs – Literatura infantojuvenil. 4.Convivência – Literatura infantojuvenil. 5.Histórias de aventuras. I.Rocha, Ana. II.Título.

CDU 869.0(81)-93
82-93
087.5
CDD 808.899282
028.5

Catalogação na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Apresentação

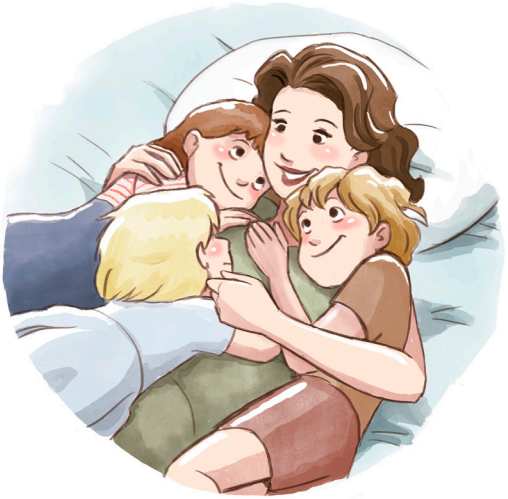
Tanto pelos agendamentos e axiologias que movimentam como pelos sentidos e significados que encerram, as narrativas podem contribuir não só com a noção de identidade e pertencimento como com a mais profunda individuação humana, aquela viabilizada pela Jornada do Herói, travessia que empreendemos vida afora, que inverte espelhos e nos coloca diante de nós mesmos. Uma singela história traz em si o poder de redesenhar trajetórias, de engendrar novas histórias. E assim o faz ao nos arremessar dos referenciais universais para as pluralidades desafiadoras do viver, as mesmas que oportunizam singularidades expressas no modo peculiar de conduzir vidas, encarar e solucionar desafios. Sobre o valor imagético dos contos, alegorias e mitos muito já se falou e ainda falará, já que a humanidade em curso não deixa de ser por eles atravessada, embalada, impulsionada e emancipada. Nessa linha, reverencio alguns dos muitos nomes que fizeram com que eu levasse adiante esta toada que é o viver, ora formal ora irreverente: Platão, Hipátia, Nietzsche, Blavatsky, Jung, Campbell... A lista é grande, mas nela merece destaque especial minha família e as ramificações

que oportunizou, os amigos novos, antigos e por fazer, presentes ainda que distantes... A seu modo, cada qual instiga minha fome e sacia minha sede... Em honra à vida e aos encontros e desencontros nela inseridos, plasticidade que possibilita a dinâmica consubstanciação de quem somos e do que nos habita, em meio a ineditismos e imprevisibilidades que podem fazer curtas as passagens longas e longas as passagens curtas... Pela preciosa experiência do ser e estar presente, conectando as dimensões de passado e futuro no aqui e agora, com alegria convidamos vocês à leitura: segurem as nossas mãos, mas confiem nos seus próprios passos!

A Autora

Atmosfera que ronda a história

Sabem aqueles momentos em que todos se aquietam e se permitem ser levados pelo som da voz... Percorrendo escalas sinuosas e hipnóticas que vão desde o sussurro até o grito, a realidade que se desdobra em infinitas possibilidades... Leis da física são reconfiguradas, justo por desvendar outras tantas, bem mais além... Sons, cheiros, gostos, cores



são intensificados... Com nitidez e brilho aumentados pela força do imaginar, sentimento e pensamento se entrelaçam na direção do realizar... O coração, esse tambor que trazemos no peito, é a música que confere ritmo ao nosso caminhar... Cadenciado, por mais atabalhoado que pareça... A vida adormecida, acorda... A hora é de nascença... Despertos e renascidos, mais humanos do que nunca, dançamos a presença! Não há impossíveis, tampouco impossibilitados... Juntos somos invencíveis, não podemos mais ficar separados, tampouco parados e de braços atados!

Ainda que nossos corpos estejam quietinhos no sofá, cama, poltrona ou tapete, as melhores histórias, narradas ou lidas, imaginadas ou vividas, transportam nossas mentes velozes por mundos mágicos, onde somos arremessados na direção de outros seres, desejos e vontades... E essa é uma dessas histórias que, com o poder de ajustar flutuações editando no presente o passado, reconfigura o futuro, preserva momentos e ressignifica trajetórias...

Ela foi contada há muito tempo, por uma mãe aos seus três filhos pequenos: duas meninas e, no meio delas, um menino. Além de um respeito pela natureza que, como pequenos filósofos, buscavam contemplar e viver dentro e fora deles, desde sempre os três foram criados na atmosfera de amor por uma irmãzinha que não conheceram fisicamente (nasceu antes deles e logo morreu), mas que sentiam sempre presente, encorajando a expressão do melhor de cada um.

A vida dos irmãos seguiu seu curso. Mesmo com os inevitáveis assombros e encantamentos, próprios do existir, separando caminhos e caminhadas, eles nunca deixaram de se encontrar e de se reenergizar na força das melhores palavras

e sonhos de sua Mãe... Ela segue, embora muitas vezes não perceba e reconheça sua importância, iluminando o existir deles. Imaginem que farol será quando seu corpo físico não mais encapsular sua alma sempre sedenta de sonhos e aventuras... Para ela e em honra a tanto amor e aprendizado, apertem os cintos, vamos decolar, porque lá vem história!

A história

Mais um dia na rotina daquela singular família... Depois de um almoço com todos juntos à mesa, o pai voltava ao escritório e a mãe, entre os estudos de seu curso de filosofia e as aulas que ministrava na escola estadual local, induzia a soneca dos filhotes modulando a voz em narrações fantásticas, plenas de criatividade e reflexão...

Naquele dia, nenhum dos três pregou o olho. Foi tudo eletrizante demais! Nas cabecinhas e corações das crianças seus mundos se ampliavam a cada cena descortinada, correlações se estabeleciam possibilitando concretude à fantasia. A cada paralelo traçado entre imaginação e realidade, uma sinapse adicional. A cada sinapse, um reforço na inquebrantável ponte que une mundos sensível e inteligível, sensorial e abstrato, dos fatos e das ideias...

A mãe, versada em Platão e Paulo Freire, bem sabia contextualizar acolhendo o universo afetivo e simbólico dos infantes...

Era uma vez três irmãos, muito próximos de idade um do outro. Duas meninas e um menino. Frequentemente, brincavam na casa dos seus bisavós.

Embora não fosse um território permitido sem supervisão, o galpão do seu bisavô, a quem, a exemplo da mãe, carinhosamente, chamavam de vô, era um dos mais desejados.

Lá ficavam muitas ferramentas de reparo da casa e jardim, além de abrigar recorrentes ninhadas de coelhos que fascinavam as crianças, ao mesmo tempo que tocá-los com horas de nascidos, nas poucas vezes em que lhes era permitido, lhes causava gastura.

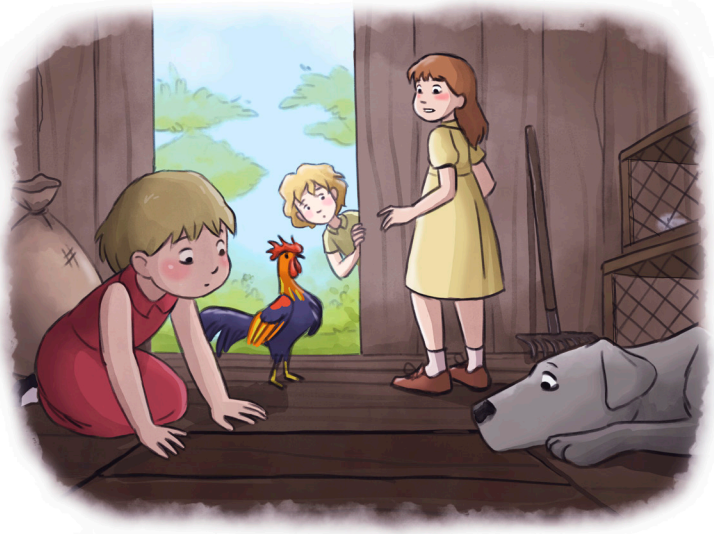
Difícil imaginar como aquelas criaturinhas indefesas, meio viscosas e cor de rosas de tão lustrosamente peladas, parecendo ratinhos desmilinguidos, ao crescer pudessem virar fofas bolas de pelos saltitantes: brancos, marrons, pretos, malhados...

Certo dia, quando lá estavam na companhia do *vô*, ele fora repentinamente chamado para mediar assuntos da pequena e já conhecida cidade, da qual nunca se descuidou, mesmo quando já não estava à frente da prefeitura, da delegacia ou ativo na vereança. Nesses momentos, um adulto sempre tomava o cuidado de retirar de lá os pequenos e de fechar o galpão.

Naquele dia, a pouca demora em ser isso feito permitiu que os irmãos se refestelassem no chão, não só sujando suas roupas de passeio como percebendo um pequeno desnível nas tábuas, sugerindo, em seus devaneios, que lá tivesse algum tipo de passagem secreta, quem sabe um alçapão!

Foi o tempo de trocarem um olhar estupefato, ávido de aventura, revelador de intenções e segredos compartilhados, para serem do local retirados, sob protestos de precisarem um novo banho.

Dias se passaram. Embora diariamente visitassem os avós, não tinham tido a oportunidade de inspecionar o gal-



pão, sempre e agora com redobradas forças por eles monitorado.

Espertas, as crianças fingiam certo desinteresse... Nos dias ensolarados ocupavam-se em subir nos pés de caquis ou balançarem-se igual Tarzan, saltando do muro com a ajuda certeira dos ramos do frondoso chorão, apelido da árvore salgueiro, que reinava majestosa na zona limítrofe do pátio.

As aventuras rendiam alguns ferimentos e a coragem de suportar a cura que vinha na espátula do merthiolate. Solícitos, enquanto um irmão era medicado, sob reprimendas de algum adulto, os outros assopravam freneticamente, buscando aliviar o ardor. Naquela época não existiam os antissépticos em spray de hoje, que até anestésicos contêm. Mesmo que estivessem chorando mais do susto e do sangue que aos poucos minava dos arranhados, depois de aplicado

o remédio o latejamento vinha com tudo e tinham motivo de sobra para abrir a goela. Curiosamente, resignados, paravam de chorar e descansavam das peraltices, aninhados no colo de familiares, e logo exibiam orgulhosos as cicatrizes, como se troféus de batalhas fossem.

Voltando ao galpão... Em uma tarde de verão, os irmãos o encontraram aberto, nenhum adulto por perto. Examinaram detalhadamente o piso, realmente as desgastadas tábuas sinalizavam uma passagem. Tentaram removê-las sem sucesso. Até que lembraram das alavancas que viam nos desenhos animados que assistiam. Se conseguissem encaixar alguma ferramenta na fissura da madeira... O facão velho e sem fio, que repousava junto de uma pá e enxada foi a solução encontrada.

Contaram até três e de forma sincronizada transferiram a força de seus corpos para a improvisada alavanca. Com um forte estalo, um tampão se deslocou parcialmente ao mesmo tempo em que foram jogados no chão. Seus corações estavam acelerados, suavam frio, temiam o próximo passo...

O que haveria debaixo daquele alçapão? Teriam coragem suficiente para investigar o inusitado que a vida no mais corriqueiro lhes revelava? Não seria melhor correr para dentro de casa, buscar a proteção do mundo adulto?

Pela pequena fresta que diante deles surgia não passava claridade alguma, mas afastar definitivamente aquela tampa exigiria coragem, bem mais que a força física até o momento utilizada.

Talvez pelo natural medo do desconhecido, talvez pelo receio de serem descobertos, em uma rápida troca de olhares resolveram abortar a missão.

De mãos dadas, com o coração saindo pela boca, pisaram juntos sobre a tampa que novamente se ajustou ao piso. Derrubaram um pouco da serragem que encontraram para encobrir os vestígios da descoberta.

Voltariam com mais tempo, melhor preparados, mais fortalecidos, com uma estratégia detalhadamente elaborada.

Já em casa, à noite, nas suas camas, o sono não vinha, não conseguiam esquecer da misteriosa passagem... Quais segredos esconderia?! A que mundos levaria?! Levantaram-se, consultaram o Manual do Escoteiro Mirim, uma de suas maiores preciosidades. Com aquela edição amplamente ilustrada, sentiam-se desbravadores incansáveis da própria existência...

Pegaram suas mochilas e separaram o que julgavam importante e absolutamente necessário: bússola, lanterna, fósforo, cantil de água, lanche, agasalho... No exercício de melhor raciocinar, as emoções serenizaram, o medo diminuiu, o planejamento cresceu e sono os venceu. Amanhã a coragem e a renovada energia lhes serviria de companheira, se colocariam em marcha, resolutos, na direção de desvendar o mistério...

Acordaram muito cedo, com o dia raiando. Era domingo, a casa dormia até mais tarde. Com extremo cuidado para não produzir nenhum ruído que pudesse acordar seus pais, foram para a cozinha preparar algo para comer. A escolha foi por achocolatado, frutas e sanduíches.

Alimentados e descansados, serenos e determinados, ainda que em expectativa sobre o que viria pela frente, deram mais uma examinada em suas mochilas... Nada faltava! Saíram então, rumo à residência dos avós, a poucas quadras da casa deles.

Encontram o galpão como deixaram no dia anterior: cadeado na porta em uma posição que, mesmo aberto, de longe parecia estar fechado.

Respiraram fundo e entraram, fechando a porta do galpão atrás deles. Na penumbra, buscaram a lanterna, com a luz que dela emanava encontraram o fio que acendia a única luz capaz iluminar a peça.

Cômodo iluminado, levaram um susto danado com o galo Rouco, que preguiçosa e silenciosamente os observava...

Mais uma vez alavanca preparada. Quando iam usá-la novo susto, gemidos e arranhões na porta. Era o Gumercin-

do, velho cachorro da casa, que sentira a presença deles.

Permitindo a entrada de Gu, como carinhosamente o chamavam, fizeram um rápido afago, deram um de seus biscoitos que carregavam na mochila e ordenaram que ficasse quieto. O cachorro obedeceu, só a cauda balançando de alegria, e a mandíbula concentrada no delicioso biscoito não paravam.

Tampa deslocada, ficou evidente o que o alçapão revelava: primeiros degraus de uma escada rudimentarmente escavada...

No par ou ímpar decidiram quem seria o primeiro a entrar. Foram os três em fila indiana, colados uns aos outros por ordem de nascimento. Nos seus calcanhares, Gumercindo e Rouco.

Teias de aranha e poeira eram indícios de que há muito a passagem não era utilizada. Apesar de estreito, o ar não era completamente rarefeito lá embaixo, podiam respirar com certa facilidade.

Na medida em que desciam, cautelosos e apreensivos, os degraus foram se transformando, pareciam cada vez mais firmes e seguros, o que não deixava de ser assustador, mas imprimia confiança e despertava ainda maior curiosidade nas crianças.

Paulatinamente, quanto mais o espaço se ampliava mais os irmãos, agarrados uns no outros, transferiam entre si medo e coragem que lhes habitavam. O galo e o cachorro ajudavam bastante nesses momentos. Quando os irmãos receosos paralisavam, os destrambelhados assumiam alegremente a frente, injetando ânimo à jornada.

Aos poucos, a medida em que avançavam, a mescla de barro batido e rústicas pedras do chão e paredes davam lugar a outras espécies de revestimentos.

Das paredes, o que antes surgia como tochas, ao longo da marcha, agora se transforma em lampiões, cada vez mais bem dispostos e acabados, verdadeiras obras de arte...

Lembraram dos fósforos que traziam e, para economizar as pilhas de suas lanternas, mesmo sem alcançar o lampião, muito acima deles, resolutos buscaram acendê-lo. Foi riscar o fósforo na sua direção para que uma pequena e ondulante chama dele se desprendesse transferindo sua inesgotável luz de lampião em lampião, em um fascinante balé.

A magia do acendimento em cadeia emocionou profundamente os irmãos, que constataram não estarem sós naquela empreitada. Uma inteligência os perpassava, a todos unia e guiava, pacificando mentes e aquecendo corações.

Ainda não viam o final do túnel, mas agora estava plenamente iluminado. A luz que passou a irradiar conferiu outra atmosfera ao lugar. O ar se tornou mais puro, resíduos de poeira que provocavam alguns espirros deram lugar a uma

brisa suave que trazia o reconfortante cheiro de framboesa e jasmim.

A escada agora parecia chegar ao fim. Fixada em um portal que dava passagem a uma nova área, uma inscrição em letras cursivas minuciosamente desenhadas foi por todos lida e compreendida, mesmo que não tivessem ainda instrução para decifrar aquele tipo de signo, não tinham sido plenamente alfabetizados... "Escolham com consciência, só uma porta poderá ser aberta e deve ser eleita de comum acordo." Até Gumercindo e Rouco compreenderam a importância daquela solene instrução.

As crianças se entreolharam, cachorro e galo respiraram fundo com elas. Juntos, transpuseram o portal e se depararam, estupefatos, com um rico e amplo corredor todo de mármore, mesclando tonalidades em branco e preto, mais parecendo um salão de baile. Uma infinidade de portas dispostas em ambos os lados compunha o cenário, todas emolduradas com suntuosos arabescos dourados.

Cada porta tinha um nome, o que justificava o aviso... Fortuna, saúde, beleza, sucesso, alegria, eloquência, fama, sabedoria, poder, elegância, equilíbrio, prazer, perspicácia, segurança, sorte, abundância... O impulso por se atirar sobre uma das portas e abri-la era grande, reiteradamente precisavam conter a si próprios e uns aos outros, buscando pacificar emoções e clarear pensamentos... O alerta fora dado: só poderiam abrir uma das portas e teriam que escolhê-la de comum acordo.

Já fatigados de tanto lutar contra instintos e buscar conciliar desejos e vontades, se afastaram das paredes e sentaram-se juntos no centro do imenso corredor. Ali permaneceram em meditação contemplativa. Guiadas pela cadência

rítmica de seus corações, suas respirações se tornavam cada vez mais serenas e profundas. Sentiam seus corpos mais crescidos, verticais, leves, eretos... Mente e coração passaram a ser um só. Como em um pulsar, mundos interno e externo se comunicavam. Íntegros, preenchidos de sentido e significado, o caos deu lugar à ordem, a confusão à lucidez.

Uma porta até então invisibilizada foi, assim, por eles percebida. Destacada das demais, pela singeleza e discrição, de aparência sólida e robusta, despida de quaisquer adereços, bem diferente dos rococós dourados e reluzentes das outras, trazia uma simples e potente inscrição no seu centro...

As crianças se entreolharam com um sorriso e uma grande certeza no peito. Levantaram-se. Calma e conscientemente, se dirigiram até ela. Contaram até três e juntos giraram a maçaneta.

Uma explosão de luz os envolveu em acolhedor e reconfortante abraço. Estavam em casa, no seu habitat natural, cercados de tudo e todos que de fato importavam... Sonhos, amigos, familiares, bichinhos de estimação... Mesmo os que há muito já não mais viviam ao lado deles... Todos novamente unidos, sem a dimensão ilusória do espaço-tempo a ditar razões, verdades e pertencimentos.

O que de mais nobre portavam em seus corações naquele momento ganhou novo alento, sopro, vida... Seus melhores pensamentos e emoções reluziam, como nobre metal. A porta aberta reconectava o que fora desunido, restituía a integralidade do fragmentado, conferia a energia ao carcomido... Nela lia-se a palavra "AMOR" e seu interior comportava a presença de todas as outras portas.

FIM!

Será mesmo?! Quando uma história termina, outra pode iniciar. A leitura de um livro nos convida a sonhar junto, a percorrer mundos, perceber caminhos, questionar e ampliar verdades. Quais os desdobramentos desse encontro, o que teria despertado em cada personagem?! E você, amigo leitor, com se sente diante dessa narrativa?!

Sobre a autora

Natural de Gramado / RS, uma das crianças que faz nascer essa história. Filósofa Clínica, Pesquisadora, Educadora, Mobilizadora Social e Empresarial. Cofundadora do Instituto ORIOR. Formação em Ciências Jurídicas e Sociais, Filosofia Prática e Filosofia Clínica. Trinta anos dedicados a pesquisas, aplicação e difusão de ciências humanas e afins. Atua na área de Desenvolvimento Humano e Transformação Cultural, fortalecendo partilhas e redes transdisciplinares de aprendizado.

orior.com.br/ana-rita

Memórias de infância onde, em frenética ciranda, ludicidade e imaginação rodopiam com busca e estratégia, vencendo com leveza o andar do relógio e o correr dos dias. A cadência do girar da roda é marcada pelo plano conjunto, que traz em si a força de cada cirandeiro.

O deslocamento no tempo e espaço que faz dos irmãos protagonistas na aventura narrada por sua mãe, há décadas, lhes confere acesso para repaginar circunstâncias e valores, encurtar caminhos, revitalizar laços e aproximar diferenças.

Jornada atemporal, com poder de capturar todas as idades... Convite para celebrar a vida e nutrir as relações... Lembrete para acreditar no poder dos sonhos e na capacidade humana de concretizá-los...